

# Muitos ainda preferem isolamento

Jorge Cardoso

**H**á vizinhos cujo contato se restringe a um formal "bom dia". São aqueles que o morador sabe quem é e onde mora, mas não demonstra interesse em conhecê-lo melhor. O cumprimento superficial se repete, diariamente, em elevadores, portarias e garagens de blocos do Plano Piloto ou cidades-satélites e chega, em alguns momentos, a provocar constrangimento. Mesmo nas quadras mais unidas, há sempre alguns que preferem manter-se fechados na própria privacidade, correndo o risco de serem identificados como chatos ou orgulhosos.

A paulista Nilde da Silva, que mora em Brasília há dois anos, lamenta a dificuldade de se relacionar com os vizinhos no bloco F da quadra 315 Sul. "Eles saem cedo, voltam à noite e parecem não ter tempo para fazer amizades", afirma. A funcionária pública Vera Maria da Costa, também de São Paulo, acha que os brasilienses exageram na garantia da privacidade. Depois de 12 anos na cidade, ela confessa que não consegue entender este comportamento arredio das pessoas e já pensou em retornar ao interior paulista, em busca de mais calor humano e menos solidão.

## Aborrecimentos

Ela mora do mesmo local que a funcionária do CNPq Sílvia Fernanda Carneiro — o bloco A da quadra 210 Norte —, que faz questão de não conhecer os seus vizinhos para evitar contatos. Na sua opinião, eles mais atrapalham, com invasão de privacidade e fofocas, do que ajudam. Para Sílvia, o local de moradia deve ser um espaço para isolamento, com a própria família. Por este motivo, os filhos



No Guará, há jogos e solidariedade aos vizinhos em apuros

só descem para brincar em baixo do bloco acompanhados pela empregada. Suas experiências anteriores com vizinhas trouxeram mais aborrecimentos do que alegrias.

Nas cidades-satélites, a situação não é diferente. Se em alguns conjuntos do Guará II, como o F da QE-17, os moradores apressam-se em prestar solidariedade a um vizin-

nho em apuros, no bloco A da QI-3, a funcionária do Banespa Antónia Rodrigues Torres prefere recorrer a colegas de trabalho que moram na mesma satélite a solicitar favores simples como a concessão de uma xícara de sal ou uma cebola para concluir um almoço. "Em alguns momentos, bate uma solidão enorme. É uma situação chata, mas não há o que fazer para mudar", afirma.